



Trajetórias da História Social e da Nova História Cultural: cultura, civilização e costumes no cotidiano do mundo do trabalho

Profa. Dra. Andrea Paula dos Santos

Departamento de História e Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG)

Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP)

andreapaula@hotmail.com

Resumo

Este breve artigo tem por objetivo abordar alguns pontos principais da trajetória da História Social e da Nova História Cultural, um dos campos de estudos mais importantes dos historiadores da atualidade, desenvolvido a partir do impacto das noções de cultura nas Ciências Humanas e na História desde as décadas de 1960 e 1970. Consideramos que desde a segunda metade do século XX – juntamente com os debates e as pesquisas sobre as noções de cultura provenientes, sobretudo, da área de Antropologia –, os historiadores construíram novos conceitos por meio da releitura dos trabalhos de alguns estudiosos de outras áreas das Ciências Humanas, tais como a Crítica Literária, a Sociologia e a Filosofia. Nesse sentido, ao lado da influência de autores importantes como Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, retomaram idéias fundadoras presentes nos trabalhos de Norbert Elias desde o final de década de 1930, sobre civilização e processo civilizador, gerando novos interesses e novas perspectivas nos estudos dos costumes e da vida cotidiana dos mais diferentes grupos sociais, em particular daqueles ligados ao mundo do trabalho. Com a abertura dessas perspectivas teóricas e temáticas ligadas aos campos da História Social e da Nova História Cultural, foram e estão sendo desenvolvidos inúmeros trabalhos em todo o mundo e também no Brasil que têm renovado a historiografia e o esforço sempre urgente de compreensão da atuação e das demandas de novos sujeitos históricos em nossa sociedade.

Palavras-chave: História Social; Nova História Cultural; cultura; civilização; costumes; trabalho; vida cotidiana

Introdução

Este breve artigo tem por objetivo abordar alguns pontos principais das trajetórias da História Social e da Nova História Cultural, um dos campos de estudos mais importantes dos historiadores da atualidade, desenvolvido a partir do impacto das noções de cultura nas Ciências Humanas e na História desde as décadas de 1960 e 1970. Ao traçarmos um roteiro simplificado para o entendimento das preocupações teórico-metodológicas e temáticas desses campos de estudos dos historiadores, buscamos situar como a leitura e a releitura da obra de Norbert Elias tornou-se ponto de partida e de chegada para novas e inúmeras pesquisas e análises que se propuseram a tratar de temas relacionados à história da cultura material, do corpo, de comunidades e de identidades.

Para tanto, é importante inicialmente nos determos sobre o debate que desde então se estabeleceu com vigor em torno da polissemia do conceito de cultura. É sabido que existem definições da área de Filosofia que situam as noções de cultura em tempos distintos, de uma perspectiva clássica e de outra iluminista. Nosso recorte insere-se nesta última perspectiva, relacionando as influências do conceito de cultura na Antropologia e seu impacto na História.

Para os antropólogos, a cultura pode ser lida em vários níveis. No primeiro deles, compreende características de comportamento que são exclusivas dos seres humanos em relação a outras espécies. Também traz consigo a noção de comportamento aprendido e ensinado, em vez de instintivo. Num segundo nível, refere-se à capacidade humana para gerar comportamentos e especialmente à capacidade da mente humana de gerar uma quase infinita flexibilidade de reações, através de seu potencial simbólico e lingüístico. Por isso, recentes interpretações de cultura enfatizam a fonte cognitiva do comportamento humano.

Muitos estudiosos consideram que tais comportamentos estão enraizados nas relações sociais e em outras características da sociedade. E, finalmente, o resultado de todos esses processos é o fenômeno empiricamente observável das culturas humanas: as identidades isoladas de sociedades humanas distintas caracterizadas por tradições culturais específicas. Nesse sentido, reconhecer a diversidade de culturas e as subculturas existentes é um importante passo conceitual surgido na prática da antropologia social, sobretudo da etnografia em suas dimensões do trabalho de campo efetuado pelos antropólogos.

Dessa forma, os estudos culturais implicaram no reconhecimento de que se encontram povos e contextos culturais unidos não por identidade genética ou biológica, mas por tradições sociais. Porém, a cultura não é apenas acumulação de tradições sociais. Ela está tão profundamente entrelaçada com todo o sistema cognitivo que a visão do mundo em cada indivíduo é construída pela experiência cultural e a ela está sujeita.

Ao realizarmos um recorte a partir da Antropologia Interpretativa e dos trabalhos e definições como os de Clifford Geertz e Marshall Sahlins, compreendemos que a cultura pode ser definida como sistemas de signos e significados criados pelos grupos sociais. Dessa forma, interpretar as culturas significa interpretar símbolos, mitos, ritos. No caso do antropólogo, segundo Geertz, isso ocorreria por meio da chamada “descrição densa”, uma escrita etnográfica sobre esses símbolos, mitos, rituais e o ato de reflexão sobre essa própria escrita antropológica, também inscrita numa determinada cultura (GEERTZ, 1978).

Partindo dessa perspectiva, Sahlins defendeu que as pessoas de determinada cultura também “representam” suas interpretações do passado no presente em que vivem. Essas interpretações do passado podem comportar certa compreensão e vivência de sua história atravessada ou não por determinados mitos daquela cultura e suas concepções de tempo e de espaço (SAHLINS, 1990).

Consideramos que desde a segunda metade do século XX – juntamente com os debates e as pesquisas sobre as noções de cultura provenientes, sobretudo, da área de Antropologia –, os historiadores construíram novos conceitos por meio da leitura e da releitura dos trabalhos de alguns estudiosos de outras áreas das Ciências Humanas, tais como a Crítica Literária, a Sociologia e a Filosofia.

Na área de História, essas novas noções sobre o conceito de cultura atravessaram o contexto dos desenvolvimentos do movimento dos Annales, corrente historiográfica francesa que, através do grupo da Nova História, elaborou estudos a partir das perspectivas

da Antropologia Histórica, da História das Mentalidades e da Micro-História (BURKE, 1992). Destacaram-se então autores como Jacques Le Goff, especialmente com sua coletânea sobre a Nova História e suas possibilidades de abordagens de temas históricos (LE GOFF, 1993); ou ainda Carlo Ginzburg, Natalie Z. Davis e Robert Darnton, com seus livros em que histórias de pessoas desconhecidas e das classes populares uniram-se às propostas de construção de micro-histórias que levassem à compreensão de um contexto maior de determinadas épocas e lugares históricos (GINZBURG, 1987,1989; DAVIS, 1987; DARNTON, 1986).

Num contexto intelectual paralelo, profundamente influenciado pelo interesse no estudo da cultura popular e operária, houve o desenvolvimento dos trabalhos de Edward P. Thompson e dos historiadores marxistas ingleses com a reformulação de conceitos clássicos, como o de classe social a partir da valorização de noções como a de experiência, enfatizando estudos sobre costumes, alavancando o desenvolvimento da História Social (THOMPSON, 1988, 1997, 1998, 2002).

Simultaneamente, foi se desenvolvendo a Nova História Cultural na Europa e nos Estados Unidos, sob a influência dessas correntes da historiografia européia e da Antropologia Interpretativa norte-americana e da Sociologia (HUNT, 1992). Nesse sentido, ao lado da influência de autores importantes como Mikhail Bakhtin, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, os estudiosos da História Social e da Nova História Cultural retomaram idéias fundadoras presentes nos trabalhos de Norbert Elias desde o final de década de 1930, sobre civilização e processo civilizador, gerando novos interesses e novas perspectivas nos estudos dos costumes e da vida cotidiana dos mais diferentes grupos sociais, em particular daqueles ligados ao mundo do trabalho. Essas principais influências teóricas trouxeram contribuições interdisciplinares que renovaram a área de História, colocando os campos da História Social e da Nova História Cultural como alguns dos mais proeminentes no final do século XX e início do século XXI (BURKE, 2002, 2005).

Autores como Mikhail Bakhtin fizeram os historiadores se voltarem para a percepção das várias vozes existentes nos documentos históricos, concentrando-se em compreender a polifonia que estes carregam, trazendo pressupostos teóricos e metodológicos da Semiótica para o instrumental de pesquisa e de análise da História (BAKHTIN, 2002).

Michel Foucault levou à percepção e à crítica dos “regimes de verdade” do Estado, e das Ciências, problematizando-os como expressões de determinada cultura e direcionando o olhar do historiador para o controle social sobre o eu e sobre o corpo. Surgiram então a necessidade de se estudar o poder em todas as dimensões sociais, não mais numa simples relação vertical entre Estado e sociedade, mas também de forma horizontal, nas mais variadas formas de vivência cotidiana. Daí as idéias relacionadas ao estudo da microfísica do poder e o entendimento de que as práticas discursivas são objetos fundamentais de estudo que podem revelar a construção ou a constituição do que são os próprios objetos da fala (FOUCAULT, 1984, 1985, 1988 e 1996).

Pierre Bourdieu trouxe para o debate dos temas históricos o conceito de campo, a teoria da prática/habitus, as idéias sobre reprodução cultural, capital cultural e capital simbólico, construindo uma análise sobre a cultura em termos de bens, de produção, de mercado, de investimento, buscando compreender qual a relação que se estabelece a partir desse olhar entre a construção de identidades e as possibilidades de mudança social (BOURDIEU, 2003, 2005)

Por fim, Norbert Elias, com seu trabalho sobre o processo civilizador fez com que os profissionais da História intensificassem os estudos e as análises sobre mudanças sociais, especialmente a mudança dos costumes na vida privada e na vida pública e a importância crucial dessas mudanças para a consolidação de uma civilização ocidental que se auto-proclamou referência e modelo de comportamentos individuais e coletivos para outros povos e culturas do mundo. É também importante destacar outro trabalho relacionado ao estudo de uma comunidade também tem influenciado os estudiosos sobre esse tema e sobre a questão da construção das identidades (ELIAS, 2000a e 2000b).

Para Peter Burke, o estudo de Norbert Elias sobre o processo civilizador – publicado em 1939, mas negligenciado durante décadas – foi tratado com a devida consideração por sociólogos e historiadores apenas a partir das décadas de 1970 e 1980. O livro buscava contribuir com a teoria sociológica sobre mudança social e mobilizava idéias de autores como Weber, Freud e Durkheim, com grande destaque para a área de História, concentrando-se sobre determinados aspectos da vida social na Europa ocidental, sobretudo ao final do período medieval.

Tais aspectos relacionavam-se a temas hoje considerados importantes para a História Social e a Nova História Cultural, tais como os comportamentos humanos em relação aos hábitos alimentares ou de higiene. Elias, muito à frente de seu tempo ao tratar da história da cultura material e do corpo, chegou a considerar como importantes documentos da cultura material alguns objetos como o lenço e o garfo, sustentando que estes eram instrumentos que favoreceram enormes mudanças de comportamento, instrumentos do que veio a denominar “civilização”. Um termo aqui compreendido, segundo Burke, como uma espécie de transição entre os limites do constrangimento e da vergonha, sendo que Elias defendeu a ascensão do autocontrole como uma forma de integração social (BURKE, 2002).

Sem dúvida, sua obra também foi observada a partir de uma perspectiva crítica, pois se restringiu a abordagem de uma história européia, sendo o próprio conceito de civilização em termos de existência da vergonha ou do autocontrole considerado problemático, já que sob esse olhar quase toda sociedade seria civilizada. No entanto, foi o fato de Elias trazer a história da cultura material e a história do corpo para construir sua argumentação que influenciou e ainda influencia historiadores de todo o mundo quanto ao olhar sobre a potencialidade de determinados temas e documentos históricos para se tratar da vida cotidiana de grupos sociais ligados ou não ao mundo do trabalho.

A introdução de novas idéias e problematizações levou os historiadores a enriquecer o campo teórico e metodológico de sua área, construindo novos conceitos, dentre os quais destacamos os de práticas e representações consagrados nos estudos de Roger Chartier sobre a história da leitura e suas considerações sobre teoria da História (CHARTIER, 1990, 1999, 2001 e 2002).

Também as noções de construção cultural e de apropriação cultural a partir das próprias representações que interferem na realidade, construindo-a e desconstruindo-a, foram estabelecidas principalmente por Michel De Certeau, ao estudar a reutilização e a (re)invenção do cotidiano a partir das escolhas dos sujeitos e suas relações com a cultura material existente em determinados contextos históricos (DE CERTEAU, 2000 e 2002).

Essas idéias e trabalhos fomentaram o debate sobre a “construção cultural” de conceitos como classe, gênero, comunidade, identidade, e de práticas como “(re)invenção” de tradições. Dessa forma, os historiadores passaram a enxergar os estudos das práticas dos

grupos sociais como problematizações possíveis e não como premissas fechadas sobre temas históricos, ampliando assim as condições de interpretação das ações e motivações dos sujeitos históricos.

É também relevante salientar que toda essa efervescência teórica e metodológica levou ao debate sobre a narrativa na História, suas estratégias discursivas e a legitimidade da própria produção do conhecimento histórico, com o reconhecimento de trabalhos de autores destacados como Hayden White, Laurence Stone e Peter Burke. E também ao desenvolvimento de outras discussões importantes sobre memória e identidades, ampliando-se os campos de estudo da História, com destaque, por exemplo, para a Nova História Política e a História Oral (BURKE, 1992, 2002).

Com a abertura dessas perspectivas teóricas e temáticas ligadas ao campo da História Social e da Nova História Cultural, foram e estão sendo desenvolvidos inúmeros trabalhos em todo o mundo e também no Brasil que têm renovado a historiografia e o esforço sempre urgente de compreensão da atuação e das demandas de novos sujeitos históricos em nossa sociedade.

A influências dessas vertentes teóricas e metodológicas na historiografia brasileira favoreceu a proliferação de estudos a partir dos anos de 1980. Estudos estes que valorizaram, sobretudo, a produção intelectual da historiografia francesa relacionada à antropologia histórica e às mentalidades, além dos estudos de micro-história, da historiografia inglesa, da Antropologia e da Sociologia.

Foi principalmente na década de 1980 que surgiram alguns espaços iniciais de produção intelectual brasileira. Posteriormente, esta produção se generalizou pelo Brasil com a ampliação dos Programas de Pós-Graduação. Em São Paulo, os pólos dessas atividades foram principalmente a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

No âmbito da USP, destacaram-se os trabalhos da Laura de Mello e Souza sobre feitiçaria nos tempos coloniais a partir dos processos da Inquisição (SOUZA, 1986); os de Mary Del Priori sobre história das mulheres, da infância, das festas, do cotidiano no período colonial (DEL PRIORI, 2000, 2001); os de Nicolau Sevcenko sobre história e literatura, cultura e cotidiano no século XX (SEVCENKO, 1992, 2003, 2001); os de Elias Thomé Saliba sobre a dimensão cômica da vida republicana (SALIBA, 2002); e os de Fernando Novais, que migrou da História Econômica para os temas relacionados ao cotidiano e à vida privada (NOVAIS, 1997, 1998).

Já na Unicamp, surgiram os trabalhos de Margareth Rago sobre a vida cotidiana e a disciplinarização dos proletários e suas famílias, dos pobres e dos marginalizados em São Paulo, através de jornais operários, entre outros documentos (RAGO, 1985). Especialmente os trabalhos de Sidney Chalhoub sobre o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro em seus espaços de trabalho e de sociabilidade, como a fábrica, o lar, o botequim, as habitações populares, as doenças; sobre a vida cotidiana dos escravizados nas últimas décadas da escravidão; e sobre as relações entre história e literatura. (CHALHOUB, 1997, 1990, 2003a, 2003b, 2005) Também tornaram-se referência as pesquisas de vários outros autores sobre família, vida doméstica, relações de gênero. Somam-se ainda os trabalhos de outros historiadores que redimensionaram os estudos sobre a escravidão no Brasil, a partir do estudo das relações entre senhores e escravos.

No Rio de Janeiro, no âmbito das universidades federais, consolidaram-se os trabalhos de Francisco Falcon, com papel de certa forma semelhante ao de Novais em São Paulo, pois deslocou seus estudos do campo da História das Idéias para o da Nova História Cultural, atendo-se às outras dimensões da cultura e do cotidiano. Nessa esteira, surgiram os trabalhos de Ronaldo Vainfas, Ciro Flamarion Cardoso, Magali Engel, Rachel Soihet e Fernanda Bicalho, entre outros (CARDOSO; VAINFAS, 1997) Fora do eixo Rio-São Paulo, surgiram outros estudos de destaque Brasil afora, de historiadores brasileiros que buscaram inspiração nas trajetórias da História Social e da Nova História Cultural, com a leitura e releitura de autores já citados, dentre os quais Norbert Elias se sobressai.

Uma análise do conjunto desses trabalhos acaba por demonstrar como o foco sobre cultura, civilização e costumes – cujo débito aos trabalhos de Norbert Elias é mais que evidente – trouxe a emergência de novos temas e sujeitos da História, com destaque para amplas abordagens sobre o cotidiano de vários grupos sociais pertencentes ao mundo do trabalho, antes excluídos dos trabalhos históricos.

SOCIAL HISTORY AND NEW CULTURAL HISTORY PATHS: culture, civilization and habits of the labor world

Abstract

This article has as an objective approach some main points of the Social History and New Cultural History Paths, one of the most important studies fields of historians currently, developed from the impact of cultural notions on Human Sciences and History since the 1960s and 1970s. It is considered that since the second part of XX century along with the debates and researches about notions about culture came, mainly, from anthropology area – the historians created new concepts by rereading some researches from other Human Sciences areas, such as Literary Criticism, Sociology and Philosophy. In this point of view, on the side of important writers influence, as Mikhail Bakhtin, Michel Foucault and Pierre Bourdieu, there was a recapture of constitutor ideas resident on Norbert Elias researches since the end of the 1930 decade, about civilization process, reproducing new interests and new perspectives on the day-by-day life studies of the most different social groups, particularly those related to the labor world. By accessing this theoretical and thematic perspectives associated with the Social History and the New Cultural History fields, various researches have been developed throughout the world and also in Brazil, which have updated the historiography and the urgent effort of understanding new people acting and requests in our society.

Key words: Social History; New Cultural History, culture, civilization, habits, labor, day-by-day life.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Michail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Annablume, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. *Razões práticas*. Sobre a teoria da ação. 6ª ed., São Paulo, Papyrus, 2005.
- BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

- _____. *História e teoria social*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- _____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARDOSO, Ciro. e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- _____. *Cidade Febril*. Cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- _____. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Capítulos de História Social. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003a.
- _____. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.
- _____. *Trabalho, lar e botequim*. O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª ed., Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa, Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *A ordem dos livros*. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.
- _____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *À Beira da Falésia*. A História entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DAVIS, Natalie. Z. *O retorno de Martin Guerre*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 2 vols., Petrópolis, RJ: Vozes, 2000/2002.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizatório*. 2 vols., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.
- _____. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000b.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *História da Sexualidade*. 3 vols., Rio de Janeiro, Graal, 1984/1985/1988.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HUNT, Lyn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- NOVAIS, Fernando (org.). *História da vida privada no Brasil*. 4 vols., São Paulo: Cia. das Letras, 1997/1998.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar*. A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1990.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. A representação humorística na história brasileira. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. *A corrida para o século XXI*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 vols., São Paulo: Paz e Terra, 1997 (v. 1, 3ª ed.)/1988 (v. 2, 2ª ed.)/2002 (v. 3, 3ª ed.).

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.